



Educação cristã: relação entre pais e filhos adolescentes¹

Christian Education: Relationship between Parents and Teenage Children

Olinda do Socorro Machado Soares²

Elivaldo Serrão Custódio³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir, à luz das Escrituras Sagradas Cristãs e das contribuições da Pedagogia e Psicologia, sobre como a Educação Cristã influencia a dinâmica familiar e fortalece os laços entre pais e filhos. Busca-se compreender como a vivência da fé pode contribuir para um relacionamento saudável, baseado no amor, no respeito mútuo e na responsabilidade espiritual. Além disso, analisa o bom relacionamento dos pais com os filhos, desde o nascimento, e como este corrobora para a formação do indivíduo, a fim de que, na adolescência, compreenda as razões das várias transformações que irão ocorrer em sua vida, proporcionando também aos pais sossego e tranquilidade para juntos passarem por essa fase mais difícil vivida pelo ser humano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica. Os dados revelam que esse eficaz relacionamento só acontece se os pais tiverem consciência da importância deles para a formação do desenvolvimento psicossocial e espiritual dos filhos, bem como do papel de cada membro da família, abordado e trabalhado dentro do lar. Esse relacionamento deve ser pautado nos princípios e valores assimilados e praticados por determinadas famílias, sejam elas cristãs ou não. No que concerne à família cristã, deve ser pautado nas Escrituras, que constituem o manual de prática da fé, de valores sociais e espirituais.

Palavras-chave: Educação cristã. Pedagogia cristã. Adolescência e fé. Desenvolvimento psicossocial.

Abstract: This article aims to reflect, in light of the Christian Scriptures and the contributions of Pedagogy and Psychology, on how Christian Education influences family dynamics and strengthens the bonds between parents and children. It seeks to understand how living faith can contribute to a healthy relationship, based on love, mutual respect, and spiritual responsibility. In addition, it analyzes the relationship between parents and children from birth, and how this contributes to the formation of the individual so that, in adolescence, they may understand the reasons for the various transformations that will occur in their lives. This also provides parents with peace and tranquility to face together this particularly difficult phase of human life. This is a qualitative, bibliographic study. The data reveal that this effective relationship only happens if parents are aware of their importance in the psychosocial and spiritual development of their children, as well as the role of each family member, which must be addressed and cultivated within the home. This relationship should be grounded in the principles and values assimilated and practiced by certain families, whether Christian or not. In the case of the Christian family, it must be guided by the Scriptures, which serve as a manual for the practice of faith, as well as social and spiritual values.

¹ Este artigo foi recebido em 31 de agosto de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 04 de maio de 2025.

² Graduada em Teologia pelo Seminário Teológico Da Assembleia De Deus – SETAD, Macapá-AP. E-mail: olindamachadosoares@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5946-2854>

³ Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e do Mestrado Profissional em Matemática da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Líder e fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática, Cultura e Relações Étnico-Raciais (GEPECRER). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). Editor Adjunto da Revista Identidade, Faculdades EST. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5347>.



Keywords: Christian education. Family relationships. Formation of the individual.

Introdução

É recorrente a afirmação de que a família constitui a base fundamental da sociedade. No entanto, tal premissa suscita questionamentos relevantes diante das transformações contemporâneas: como se configura a estrutura familiar na atualidade? A busca por respostas a essa indagação tem mobilizado um número expressivo de pesquisadores, educadores e líderes sociais e religiosos, gerando um corpo crescente de investigações interdisciplinares. Esses estudos têm revelado que as configurações familiares estão em constante reconfiguração, influenciadas por fatores socioculturais, econômicos, históricos e religiosos que desafiam modelos tradicionais. A compreensão das dinâmicas que permeiam as relações familiares na sociedade moderna exige, portanto, uma abordagem crítica e multifacetada, que considere as múltiplas formas de organização familiar existentes e as tensões decorrentes das mudanças nas estruturas de convivência, autoridade e cuidado.

A família sempre teve conflitos nas relações pais e filhos, contudo, não como na atualidade. Uma das fases da vida humana mais complexa de estudar é a adolescência, na qual os pais têm que estar firmes e dispostos a lutar pelo bem-estar dos seus filhos. Segundo a *Escola de Cidadania para Adolescentes* (ECA), não há uma definição absoluta sobre o que é a adolescência. Antes de tudo, é importante considerar que ela é um conceito socialmente construído e marcado por condições históricas, culturais e territoriais. E isso significa que a experiência de ser adolescente varia de acordo com as diferentes culturas na qual as pessoas estão inseridas e ao longo da história. Por isso, não é possível falar de adolescência no singular, mas sim de adolescências.

Isso porque as condições nas quais se vive esse período da vida são diversas, e a experiência de cada adolescente pode variar de acordo com seu gênero, sexualidade, raça, classe social, etc. Para a *Organização Mundial da Saúde* (OMS), no artigo *Adolescent health*, a adolescência é caracterizada como a segunda década de vida, de 10 a 19 anos. É uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, marcada por mudanças físicas, emocionais, sociais e cognitivas, que culminam na busca por autonomia e independência.

No Brasil, somente com a Constituição Federal de 1988, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) e com a Convenção



Internacional sobre os Direitos da Criança de 1989 que fora ratificada pelo Brasil em 24 de setembro de 1990, se introduziu, em seu ordenamento jurídico, um novo paradigma inspirado pela concepção da criança e do adolescente como verdadeiros sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento. Segundo o ECA, considera-se criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121º e 142º). Já para o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2011) o período da adolescência compreende duas fases: fase inicial da adolescência (dos 10 aos 14 anos de idade) e fase final da adolescência (dos 15 aos 19 anos de idade).

Acredita-se que muitos fatores influenciam as atitudes dos adolescentes, entre eles as redes sociais, que constituem um infindo meio de conhecimento e que, se não regulado e direcionado, pode se tornar perigoso nesta fase de aquisição de saberes. Além disso, há fatores ocorridos no âmbito familiar, como a ausência dos pais (por motivos de trabalho ou outros contextos), a separação conjugal, a formação de novas famílias e a relativização de valores e vínculos afetivos nos dias atuais. Poucos são os que seguem e praticam os padrões bíblicos de família, nos quais papéis são definidos e todos possuem responsabilidades, direitos e deveres.

Infere-se que presença dos pais é pertinente na formação psicossocial e espiritual dos filhos, esta pesquisa analisa os fatores que tangem a relação da construção do caráter e, conseqüentemente, tudo que influencie a vida do adolescente, que é muito posto em pauta de discussão, principalmente, nas igrejas cristãs onde há uma preocupação com relação aos acontecimentos de má conduta vivenciada pelas famílias no âmbito cristão, onde o foco é a adolescência.

É pertinente destacar ainda que a educação cristã exerce um papel fundamental na formação ética, espiritual e emocional das crianças e adolescentes dentro do contexto familiar. Dentre os diversos elementos que compõem esse processo, destaca-se o relacionamento entre pais e filhos como um eixo estruturante da vivência dos valores cristãos. No ambiente doméstico, a presença ativa dos pais, o ensino dos princípios bíblicos e o exemplo de vida são determinantes para a construção de uma identidade sólida e coerente com a fé cristã.

Diante deste contexto, o presente artigo tem por objetivo refletir, à luz das Escrituras Sagradas Cristã e das contribuições da Pedagogia e Psicologia, sobre como a educação cristã influencia a dinâmica familiar e fortalece os laços entre pais e filhos. Busca-se compreender como

a vivência da fé pode contribuir para um relacionamento saudável, baseado no amor, no respeito mútuo e na responsabilidade espiritual.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão sistemática da literatura. A revisão sistemática segue os critérios estabelecidos pelo método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), garantindo transparência e rigor na identificação, seleção e análise das fontes, conforme indicado por Moher *et al.* (2009). Segundo Lakatos e Marconi, a abordagem qualitativa permite compreender fenômenos complexos em seu contexto natural, explorando as percepções e interpretações dos sujeitos envolvidos (LAKATOS; MARCONI, 2017).

A coleta de dados foi realizada em bases de dados reconhecidas pela abrangência e qualidade das publicações científicas na área da educação cristã, tais como *Web of Science*, *Google Scholar*, ERIC (*Education Resources Information Center*) e SciELO. É pertinente ressaltar que o levantamento da literatura científica foi realizado por meio de palavras-chaves: "educação cristã e adolescência", "adolescência e fé", "formação cristã na adolescência" e "relacionamento cristão de pais e filhos na adolescência". Para análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo que consiste em classificar o que foi dito ou observado em temas ou categorias para compreender o que está por trás dos discursos (BARDIN, 2016).

A busca inicial identificou várias discussões disponíveis na internet do ponto de vista da educação cristã. No entanto, em relação a estudos e pesquisas científicas sobre a adolescência, tanto no âmbito da graduação e pós-graduação quanto em periódicos acadêmicos, foram encontrados apenas seis (06) trabalhos elegíveis de acordo com os critérios estabelecidos. A Figura 1 apresenta os dados detalhados do resultado da pesquisa na seleção dos estudos.

Tabela 1- Resultados dos estudos sobre o relacionamento dos pais com os filhos na educação cristã

Palavra-chave	Número de Publicações	Trabalho
	2	FREITAS, Jorge Wagner de Campos. <i>Adolescência, Escola Dominical e Educação</i> . Perspectivas de um novo processo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da religião. São Bernardo do Campo, 2006.

Educação cristã e adolescência		COQUI, Alexandre Dijan; SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. Religiosa/cristã na formação da criança e do adolescente e a omissão familiar na função educativa. <i>Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura</i> . v. 10, n. 2. Dez 2021.
Adolescência e fé	1	PAZ, Eliane Moreira da Costa. <i>Os adolescentes em crise de fé e de pertença religiosa: comparação entre católicos e evangélicos</i> . 81f. Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciências da religião. Recife-PE, 2015.
Formação cristã na adolescência	2	HUBNER, Janaina. <i>Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã contínua</i> . 201f. Dissertação (mestrado) - Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012. TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. Pensar a formação integral de adolescentes e jovens: a cibercultura em interface com a fenomenologia-teológica de Edith Stein como caminho pedagógico. <i>Teocomunicação</i> , Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-13, jan.-jun. 2020, e-37618.
Relacionamento cristão de pais e filhos na adolescência	1	PINTO, Regiane Cristina Dias. O Poder Familiar e a Liberdade Religiosa da Criança e do Adolescente. <i>Revista do Ministério Público do Rio de Janeiro</i> , n. 63, p.139-150, jan./mar. 2017.

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Fundamentação bíblica da educação cristã

A educação cristã, compreendida como o processo de formação integral da pessoa à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo, tem sua base na própria Escritura Sagrada. Desde o Antigo Testamento, a responsabilidade dos pais na instrução espiritual dos filhos é fortemente enfatizada. Em Deuteronômio 6:6-7, lemos: “Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar”. Este trecho revela que a educação da fé deve ser constante, cotidiana e integrada à vida familiar, não se restringindo ao espaço eclesial.

A missão dos pais, portanto, transcende os limites da educação moral ou intelectual: eles são chamados a ser os primeiros mestres na fé, transmitindo valores, princípios e a verdade de Deus por meio da convivência, do exemplo e da Palavra. Do ponto de vista bíblico, a educação cristã é relacional e acontece no contexto do amor. Deus, ao revelar-se como Pai, oferece o modelo supremo de relacionamento com os filhos: paciente, justo, compassivo e disciplinador.

Além disso, o exemplo dos pais tem papel decisivo na educação dos filhos. Em Provérbios 22:6 afirma-se: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se



desviará dele”. O verbo “ensinar” aqui não implica apenas transmissão de conhecimento, mas também condução pelo exemplo. Conforme ressalta Anthony, os filhos aprendem mais pelo que veem do que pelo que ouvem; por isso, o testemunho dos pais é o maior sermão que podem pregar dentro de casa (ANTHONY, 2001).

A tradição cristã sempre valorizou a família como “igreja doméstica”, conceito retomado especialmente no cristianismo primitivo. Segundo Santo Agostinho, é no seio familiar que a alma aprende o caminho de Deus, sendo a casa o primeiro altar do discipulado (AGOSTINHO, 2009). O lar cristão é, portanto, um espaço sagrado de formação espiritual e de cultivo da fé.

Por fim, cabe destacar que a responsabilidade pela formação espiritual dos filhos não é delegável. Embora igrejas, escolas e outros espaços educativos tenham papéis importantes, a Bíblia confere aos pais a primazia dessa tarefa. Conforme escreve Champlin, a omissão dos pais na educação religiosa dos filhos representa uma das principais causas do enfraquecimento espiritual das gerações (CHAMPLIN, 2014).

Assim, a fundamentação bíblica da educação cristã estabelece os pais como agentes diretos do desenvolvimento espiritual de seus filhos, oferecendo como base o amor, a disciplina, o ensino constante e o exemplo de vida. Essa visão lança luz sobre o relacionamento entre pais e filhos como uma aliança pedagógica e espiritual, sustentada por valores eternos.

A educação no contexto familiar sob a perspectiva da fé cristã

A família, na perspectiva cristã, é mais do que uma instituição social ou biológica: é um projeto divino com finalidades espirituais, afetivas e pedagógicas. Por isso, antes de adentrarmos nesta discussão, é importante abordar a complexidade do conceito de família. O conceito de família passou por profundas transformações ao longo das últimas décadas. Se anteriormente predominava uma concepção normativa centrada na família nuclear — composta por pai, mãe e filhos biológicos —, hoje é imprescindível reconhecer a pluralidade de arranjos familiares que compõem o tecido social. Essa multiplicidade é reflexo das mudanças culturais, sociais, econômicas e religiosas que marcaram as sociedades contemporâneas e desafia visões reducionistas ou excludentes sobre o que é, ou deveria ser, uma família (LUCIFORA; MUZZETI; REINA, 2021; AZEREDO, 2020; SOMBRIO CARDOSO, A. et al., 2020, p. 29-44; SILVA et al., 2019, p. 126-141).



Atualmente, encontramos *famílias monoparentais*, formadas por um único responsável legal (mãe ou pai), que assume integralmente as funções de cuidado e educação das crianças. Esse modelo, longe de ser uma exceção, representa uma realidade crescente em muitos contextos urbanos e rurais. Também é preciso considerar as *famílias reconstituídas*, compostas por casais que trazem filhos de relacionamentos anteriores e formam novas unidades afetivas. Tais arranjos exigem novas formas de organização, diálogo e construção de vínculos. Outro formato importante são as *famílias homoafetivas*, compostas por casais do mesmo sexo que criam filhos biológicos, adotivos ou provenientes de relações anteriores. Essas famílias enfrentam, ainda hoje, desafios sociais e jurídicos para o reconhecimento pleno de seus direitos, mas sua existência reafirma que o cuidado, o amor e a responsabilidade não são determinados pela orientação sexual, mas pelas práticas concretas de convivência e afeto.

Também ganham destaque as *famílias extensas*, nas quais avós, tios, primos e outros membros da rede familiar desempenham papel ativo na formação das crianças. Em muitas situações, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, são os avós que assumem a responsabilidade direta pela criação dos netos, configurando arranjos familiares intergeracionais. Além disso, deve-se reconhecer as *famílias inter-religiosas*, nas quais os membros possuem diferentes denominações cristãs ou até mesmo distintas crenças religiosas. Tais famílias enfrentam o desafio do respeito mútuo e da construção de valores comuns, a partir da convivência e do diálogo entre diferentes tradições de fé.

Outro tipo de configuração são as *famílias comunitárias ou coletivas*, nas quais a responsabilidade pela criação das crianças é compartilhada entre vários adultos, não necessariamente ligados por laços sanguíneos, mas por vínculos de solidariedade e compromisso. Da mesma forma, existem *famílias de acolhimento*, formadas por pessoas ou casais que, mesmo sem adoção formal, assumem o cuidado temporário ou prolongado de crianças em situação de vulnerabilidade. Cabe ainda mencionar as *famílias formadas por redes de afeto*, nas quais os laços de cuidado, companheirismo e responsabilidade não se baseiam em consanguinidade ou legalidade formal, mas em relações genuínas de amor e compromisso mútuo. Essas famílias desafiam as estruturas jurídicas tradicionais e ampliam nossa compreensão sobre o que significa pertencer, ser cuidado e cuidar.

Ao considerar essa ampla variedade de contextos familiares, é fundamental compreender que o que constitui uma família não é apenas a forma, mas sobretudo a função afetiva, educativa,



protetiva e social que ela exerce na vida dos indivíduos. Essa perspectiva demanda da sociedade — e especialmente das instituições educacionais e religiosas — uma postura de escuta, acolhimento e respeito à diversidade, para que todos os tipos de família sejam reconhecidos em sua dignidade e contribuição para a formação humana. Apesar desta complexidade de definições, entendemos que desde a criação, Deus instituiu a família como ambiente de comunhão, cuidado mútuo e crescimento relacional. O lar cristão é, portanto, o primeiro espaço onde se deve viver e ensinar o amor de Deus. O relacionamento entre pais e filhos torna-se, nesse contexto, uma via privilegiada para o ensino prático do evangelho. E em se tratando de educação cristã, Marcos Tuller (2005, p. 202) enfatiza que, “a Educação Cristã precisa ser parte da vida das famílias e da Igreja, e acontecer de maneira natural quando ministrada informalmente, e de forma criativa, interessante e motivadora quando direcionada para o alcance de um objetivo específico”.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos colossenses, oferece um modelo de relacionamento familiar baseado na reciprocidade e na submissão mútua: “Filhos, obedçam a seus pais em tudo, pois isso agrada ao Senhor. Pais, não irriteem seus filhos, para que eles não se desanimem” (Colossenses 3:20-21). O texto evidencia o equilíbrio que deve existir no vínculo entre autoridade e ternura, correção e encorajamento. Esse equilíbrio é essencial para o desenvolvimento emocional e espiritual dos filhos. A família é, para a tradição cristã, a primeira “escola da fé”. É no contexto familiar que a criança tem o primeiro contato com a oração, a Bíblia e o testemunho de vida cristã. Antes de aprender na igreja, ela observa e absorve a fé vivida no lar. Essa aprendizagem é informal, mas profundamente significativa. As atitudes dos pais, sua forma de lidar com os problemas, sua coerência de vida e sua espiritualidade diária ensinam muito mais do que palavras (MONTANHA, 2006; PRIOLO, 2008). Para Gleyds Domingues (2020, p. 38),

É no interior da família que nasce o processo formativo do ser humano. Isso indica que, nela, ocorrem as primeiras experiências e aprendizagens, geradoras de conhecimento sobre si mesmo, o outro e que o cerca. Quando isso não acontece, há um prejuízo em grande proporção, visto que impacta diretamente no desenvolvimento do sujeito aprendiz.

No contexto da educação cristã, o relacionamento afetivo é fundamental. Crianças que crescem em lares marcados pelo amor, pelo diálogo e pelo respeito têm maior facilidade para internalizar valores e desenvolver uma relação saudável com Deus e com o próximo. Segundo Gary Chapman (2004), autor de *As Cinco Linguagens do Amor*, as crianças precisam sentir-se amadas de forma clara e constante para desenvolver autoestima e segurança emocional. O amor entre pais e



filhos, vivido na prática, manifesta a essência do evangelho. Em João 13:34, Jesus declara: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros”. Esse mandamento, quando aplicado à realidade familiar, transforma a casa em um espaço de acolhimento, cura e crescimento.

Além do amor, o diálogo é uma ferramenta indispensável para a educação cristã no lar. Pais que escutam seus filhos, que conversam sobre suas dúvidas, medos e alegrias, constroem pontes de confiança. Conforme ressalta Malherbe (2005), “a comunicação é o solo onde crescem os valores cristãos; sem ela, o evangelho se torna um discurso vazio dentro de casa. O testemunho pessoal dos pais é também uma forma poderosa de evangelização. Mais do que instruções verbais, o exemplo de uma vida coerente com os ensinamentos de Cristo deixa marcas profundas na formação dos filhos. O autor cristão James Dobson (2006) afirma que o que os filhos mais desejam ver nos pais é autenticidade. Pais que vivem o que pregam geram filhos que respeitam e seguem seus princípios. Para Milton Sales e Sandra Gusso (2024),

A Educação Religiosa assume um lugar de destaque no âmbito educacional, desempenhando um papel significativo na formação integral do indivíduo. Sua relevância repousa na habilidade de promover a compreensão das dimensões espirituais e éticas da existência humana, além de contribuir para a edificação de valores, crenças e princípios que orientam a conduta e a tomada de decisões dos membros da comunidade em sociedade.

A educação cristã configura-se, portanto, como uma disciplina acadêmica e uma área de prática educacional voltada para a disseminação dos preceitos, valores e tradições inerentes ao Cristianismo. Este conceito implica na atribuição de relevância à fé cristã enquanto elemento fundamental no molde cultural e ético da formação dos indivíduos, visando fomentar a compreensão da Bíblia, dos princípios teológicos e éticos cristãos, assim como a apreensão da trajetória histórica e das práticas inerentes a esta educação cristã (SALLES; GUSSO, 2024). Neste sentido, a importância da educação familiar na perspectiva cristã está enraizada no modelo de amor relacional que Deus nos oferece. Quando pais e filhos vivem em harmonia, diálogo, amor e fé, o lar se torna um ambiente onde a graça de Deus se manifesta e a formação cristã se concretiza de maneira natural e eficaz.



Resultados e discussão

Fatores que interferem na relação entre pais e filhos no contexto da vivência da fé

Nas últimas décadas, o aumento significativo no custo de vida tem levado muitos pais e responsáveis a integrarem o mercado de trabalho de forma mais intensa, o que impacta diretamente a dinâmica familiar. Historicamente atribuída à figura materna, a função de cuidado direto dos filhos tem sido, progressivamente, transferida a instituições como creches, a profissionais como babás, ou, em muitos casos, aos próprios filhos mais velhos. Em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, é comum observar adolescentes assumindo, ainda que de forma não intencional e sem preparo emocional, o papel de cuidadores dos irmãos menores. Essa situação, muitas vezes imposta pelos próprios pais, revela uma sobrecarga precoce e desproporcional às capacidades desenvolvimentais desses jovens.

Paralelamente, observa-se um cenário marcado por pais exaustos, estressados e com tempo reduzido para um convívio familiar qualitativo. Essa realidade compromete significativamente a comunicação intrafamiliar, elemento fundamental para o fortalecimento dos vínculos afetivos e para a resolução de conflitos cotidianos. Outro fator que interfere negativamente nas relações familiares é a reprodução de padrões herdados de gerações anteriores. Muitos adultos tendem a repetir modelos relacionais vivenciados em sua infância, mesmo quando esses modelos foram marcados por ausências afetivas, rigidez ou silenciamento emocional. Acrescenta-se a isso a presença de tabus e a dificuldade de diálogo entre gerações, o que frequentemente gera ambientes familiares marcados por insatisfação, distanciamento emocional e conflitos mal resolvidos.

Esses conflitos, quando não enfrentados com abertura e diálogo, tendem a se intensificar, especialmente durante a adolescência — fase do desenvolvimento caracterizada por mudanças fisiológicas, emocionais e sociais profundas. Nesse período, os jovens tornam-se mais sensíveis às tensões familiares e podem experimentar sentimentos de insegurança, medo, solidão e sofrimento psíquico, como resultado tanto das transformações internas quanto da instabilidade relacional no ambiente doméstico. Assim, é fundamental que práticas educativas e ações comunitárias promovam a valorização da convivência familiar saudável, o fortalecimento dos vínculos afetivos e a escuta sensível, especialmente em contextos socialmente vulneráveis, onde os desafios são ainda mais acentuados. De acordo com Romanelli, a família



está estruturada por relações de naturezas distintas. De um lado, relações de poder e autoridade estruturam a família, cabendo a marido e esposa, a pais e filhos, posições hierárquicas definidas e direitos e deveres específicos, porém desiguais. Por outro lado, a família é estruturada por relações afetivas criadas entre seus componentes, com conteúdo diversificado conforme o vínculo entre eles e de acordo com o gênero e a idade de cada um dos seus integrantes. Porém, a organização das relações estruturais é variável em famílias de diferentes segmentos sociais (ROMANELLI, 1997, p. 27).

Na tentativa de compensar a ausência física e afetiva provocada pelas exigências do trabalho e da vida cotidiana, muitos pais adotam uma postura permissiva e compensatória, traduzida na oferta excessiva de bens materiais. Crianças pequenas são presenteadas com brinquedos de alto valor, enquanto adolescentes recebem dispositivos tecnológicos de última geração, em uma lógica de consumo que, embora possa amenizar momentaneamente o sentimento de culpa ou carência, não supre as necessidades emocionais e relacionais fundamentais para o desenvolvimento saudável. Além disso, observa-se um aumento da tolerância parental e da flexibilização de regras como forma de agradar ou evitar conflitos com os filhos, o que compromete o exercício da autoridade e a construção de limites consistentes. A ausência de orientação firme e dialogada fragiliza a formação ética e emocional da criança e do adolescente. É essencial, nesse sentido, que os "nãos" proferidos pelos pais venham acompanhados de justificativas claras e coerentes, a fim de promover o entendimento dos limites como formas de cuidado e proteção, e não como punição arbitrária.

Outro aspecto relevante refere-se à dificuldade de alguns pais em prover as necessidades básicas e afetivas dos filhos, o que evidencia a importância do planejamento familiar consciente e responsável. A decisão de constituir uma família deve estar associada não apenas ao desejo de ter filhos, mas também à capacidade de garantir condições materiais, emocionais e educativas adequadas ao seu desenvolvimento integral. Adicionalmente, a demonstração explícita de preferência por um dos filhos por parte dos pais pode gerar desequilíbrios afetivos no ambiente familiar, promovendo rivalidades entre irmãos e desencadeando sentimentos de rejeição, inferioridade e injustiça. Esse tipo de conduta tende a comprometer a coesão familiar e a intensificar o desgaste emocional entre os membros da família, dificultando a construção de relações pautadas na equidade, no respeito e no afeto mútuo. Assim, Elisângela Pratta (2007, p. 252) diz que:

[...] pode-se asseverar que as experiências vivenciadas pelo jovem, tanto no contexto familiar quanto nos outros ambientes nos quais ele está inserido, contribuem diretamente para a sua formação enquanto adulto, sendo que, no âmbito familiar, o indivíduo vai passar por uma série de experiências genuínas em termos de afeto, dor, medo, raiva e inúmeras outras emoções, que possibilitarão um aprendizado essencial para a sua atuação futura.



A responsabilidade parental envolve muito mais do que o ato biológico de gerar uma vida. Trata-se de um compromisso ético, social, afetivo e espiritual que exige maturidade, preparo e consciência dos deveres que envolvem a formação de um novo ser humano. A gestação e o nascimento de um filho não devem ser compreendidos apenas como eventos naturais ou materiais, mas como experiências profundas, que transcendem o biológico e tocam o campo da espiritualidade e do sentido existencial. Nesse contexto, é fundamental que os pais compreendam que a parentalidade responsável implica não apenas prover recursos materiais, mas também oferecer um ambiente emocionalmente estável, estruturado por vínculos afetivos saudáveis, por valores morais consistentes e por presença ativa no processo de desenvolvimento da criança.

Para muitas famílias que compartilham uma cosmovisão religiosa, especialmente no contexto cristão, o cuidado com os filhos é compreendido como parte de um chamado divino e um compromisso diante de Deus. Assim, o conhecimento das Escrituras Sagradas e a vivência da fé podem oferecer suporte psicomoral e espiritual aos pais, auxiliando-os a exercer sua função de forma mais equilibrada, empática e coerente. A espiritualidade, nesse sentido, pode contribuir para a construção de relações familiares mais estáveis, marcadas pelo diálogo, pela responsabilidade e pelo amor. Portanto, preparar-se para a parentalidade inclui não apenas aspectos práticos e sociais, mas também o desenvolvimento pessoal e espiritual dos futuros pais, de modo que possam formar uma família orientada por princípios que favoreçam o crescimento integral dos filhos — emocional, moral e espiritual. Sobre isso, é importante destacar que:

Os adultos têm um papel central neste processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (BIASOLI-ALVES In: BIASOLI-ALVES; FISCHMAN, 2001, p. 79-80).

Logo, pode-se dizer que o afastamento do homem de Deus se deve a vários fatores, como o relativismo e o consumismo, os quais têm dificultado a formação do bom caráter no ser humano, levando ao ápice da imoralidade e ocasionando o caos na contribuição dos pais para a formação dos valores morais e religiosos dos filhos. Os pais devem educar seus filhos para a sociedade, crendo que crescerão e terão que colocar à prova sua aprendizagem. No entanto, muitos pais são ambivalentes, tendo medo de ver o crescimento e desenvolvimento dos filhos, e os sufocam, pressionando-os e exigindo uma maturidade que não condiz com a idade.



Estamos vivendo a era da contemporaneidade, e a família tem conseguido se manter como pilar para a existência da sociedade civil e religiosa. Todavia, perdeu valores e sentimentos que antes eram sustentados e passados de geração em geração como herança cultural e religiosa. Para Macedo, a família tem sofrido transformações ao longo da história, mas continua sendo o lugar onde os indivíduos encontram identificação social e aprendizagem para a formação nos primeiros anos de vida.

[...] seguindo esse processo de transformação o conceito atual de família é muito diferente do que se tinha em tempos passados, mas ainda com toda mudança, continua sendo lugar em que as pessoas se identificam e aprendem sobre a vida (MACEDO, 2008, p. 419).

A família é o primeiro referencial do indivíduo ao nascer; é nela que ele desenvolve habilidades para suas experiências fora dela. Portanto, é essencial que os pais estejam preparados para esse relacionamento, que vai desencadear bons ou maus resultados no momento decisivo da aprendizagem, que é a adolescência. No contexto familiar das relações pai-filho, o desempenho dos pais é representado por uma variedade de habilidades sociais e educativas que podem influenciar o repertório comportamental dos filhos: “[...] o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovem o desenvolvimento social dos filhos” (CIA et al., 2006, p. 74). Logo, condizente com Rodrigues, a família é a base de tudo, tanto para o ajuste quanto para o desmoronamento das relações interpessoais do indivíduo (RODRIGUES, 2014).

A forma como as relações se estabelecem entre pais e filhos na dinâmica familiar constitui-se em um fator de ajustamento ou desajustamento emocional e espiritual para os filhos, já que tais relações se configuram como matriz para a forma de relacionar-se com o meio social e consigo mesmo (RODRIGUES, 2014). Quando se fala de família, observa-se que cada uma é única em seus padrões e regras, tornando-se uma célula viva, onde se separam por um, mas se juntam a esse para defender interesses em comum. Esse padrão familiar faz com que ela funcione com habilidades que perduram de geração a geração.

A família é mais do que a soma de seus membros; é um sistema vivo, com leis próprias de funcionamento. Essas leis configuram uma estrutura com dupla capacidade de morfogênese e de homeostase, que garante a estabilidade do seu funcionamento ao longo do seu ciclo vital (CORDIOLI, 2008). Para realizar um trabalho de pesquisa científica em um curso teológico, é



preciso manusear as Escrituras para identificar um referencial adequado. É necessário ajustar os pensamentos de forma singular e prática. Então, não se pode falar de família sem buscar sua origem de formação descrita nas Escrituras, pois, mesmo com todos os conceitos das ciências humanas e sociais, partimos do pressuposto de que somos criaturas ou filhos de Deus e vivemos em uma sociedade basicamente cristã.

Para um bom relacionamento entre pais e filhos, é preciso analisar as páginas das Escrituras Sagradas e colocá-las em prática. Para que isso aconteça de forma que ajude a próxima geração, é necessário que haja um despertar teológico para informar aos pais a necessidade de entender urgentemente que os escritores bíblicos deixaram mensagens escritas para as gerações futuras, no que concerne à responsabilidade de formar e sustentar uma família. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Efésios, capítulo seis, versículo quatro, diz: “Vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”. Pode-se dizer que os filhos precisam ter, desde cedo, o acompanhamento dos pais para serem disciplinados e ensinados no caminho bom, que é o caminho com Deus.

A relação entre os adolescentes e os pais é conflituosa e desagua em um problema antigo na história humana. Ao crescer, o adolescente busca desvincular-se dos laços de proteção e dependência dos pais, optando, muitas vezes, por trilhar seus próprios caminhos, deixando assim os responsáveis em uma situação conflituosa, pois, tendo suas sobrecargas de maturação, não lidam bem com o olhar diferente de seus filhos. Com a chegada da adolescência, os hábitos e atitudes que existiam outrora começam a mudar, o que afeta a dinâmica familiar, e esta é, conseqüentemente, condicionada a mudar. Pois, com o crescimento, vêm as mudanças de gostos; os adolescentes passam a ter vontades próprias e preferências diferentes das dos pais, como é o caso, por exemplo, da questão religiosa (BECKER; MAESTRI; BOBATO, 2015, p. 84-98; MENEZES; PONTES, 2015, p. 113-123). Coisas que antes lhes interessavam agora se resumem a “coisas de criança” ou “coisas sem importância”, o que deixa de fazer sentido aos olhos dos jovens. E, principalmente, sua dependência dos responsáveis passa a ser considerada ultrapassada, tediosa, vergonhosa e repetitiva.

É interessante observar que na fase de criança, os pais são os modelos, pontos de referência para os filhos, já na adolescência, o ponto de vista é mudado, de heróis, passam a ser vistos como ditadores autoritários, delimitadores do que para o adolescente seria “divertido e careta”. O jovem



passa a questionar tudo a sua volta, e busca sempre e sozinho, entender as coisas, construir de maneira independente suas relações interpessoais⁴ e intrapessoal⁵. Essa fase, sendo complexa, afeta a maneira como o adolescente vê a sociedade, a família e a si mesmo. Para os pais, é o momento de exigir o que nunca foi ensinado ou trabalhado, pois, quando criança, tudo podia e nada era errado, mas sim coisa de criança. Por outro lado, muitos pais enfrentam dificuldades para lidar com a transição na relação com os filhos adolescentes, especialmente ao deixarem uma postura permissiva para assumirem uma atitude mais exigente e confrontadora. Tal mudança, frequentemente marcada por rigidez e resistência, decorre da percepção de perda de autoridade frente às transformações comportamentais típicas dessa fase do desenvolvimento, o que pode gerar conflitos e dificultar a mediação afetiva e educativa no contexto familiar.

Outro fator importante a se ponderar é a dificuldade dos pais em aceitar o crescimento dos filhos e reconhecer que também estão envelhecendo; ou seja, para ambos os lados, é um período de adaptação. É importante destacar que um dos conflitos principais para a convivência dos membros de uma família, que resulta em conflitos, é que um grupo social familiar é constituído da convivência de membros de gerações diferentes (WAGNER; RIBEIRO; ARTECHE; BORNHOLDI, 1999, p. 147-156). Assim, é necessária uma análise cuidadosa desta fase, pois a família é o primeiro grupo social no qual o indivíduo é inserido. Dessa forma, é importante compreender como a relação entre as pessoas afeta o desenvolvimento de seus membros. Logo, é importante lembrar que os tempos mudaram e, com eles, as relações entre os seres, mas isso não afeta a responsabilidade que a família tem para com seus membros. Segundo Elisângela Pratta (2007, p. 247):

A família tem passado por inúmeras transformações nas últimas décadas, sendo, portanto, passível de vários tipos de arranjos na atualidade. Entretanto, as funções básicas desempenhadas pela instituição familiar no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico de seus membros permanecem as mesmas. Frente a esta realidade, a adolescência e as relações familiares nesta etapa do ciclo vital têm sido foco de numerosos estudos.

É importante destacar que, apesar das mudanças que os tempos impuseram à instituição social família, esta se mantém com o mesmo propósito que exercia outrora, ainda segundo Elisângela Pratta (2007, p. 250):

⁴ O relacionamento interpessoal refere-se à relação com o próximo.

⁵ O relacionamento intrapessoal refere-se à relação consigo mesmo.



Contudo, apesar de tais transformações, a família ainda mantém o papel específico que exercia no contexto social e continua a ser uma instituição reconhecida e altamente valorizada, uma vez que prossegue exercendo funções capitais durante todo o processo de desenvolvimento de seus membros.

Deste modo, problematiza-se que o panorama familiar existente, hoje, leva a refletir sobre o motivo pelo qual tantos filhos, quando chegam à adolescência, se rebelam e começam a agir de forma contrária a tudo que antes aceitavam, levando os pais à desestabilização. Assim, como compreender os fatores que geram essa rebeldia? Como identificar a origem dessa discussão? É importante lembrar e entender que o adolescente, de acordo com o art. 2º das disposições preliminares do ECA, é toda pessoa que se encontra na faixa etária entre doze e dezoito anos de idade. A partir dessa faixa etária, entende-se que a adolescência, segundo Arminda Aberastury, “é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (ABERASTURY, 1988, p. 15); portanto, é necessário compreender esse momento tão decisivo para o indivíduo. Por outro lado, até recentemente, os estudos eram voltados apenas ao adolescente, não considerando o outro lado do problema: os pais (BBC NEWS BRASIL, 15 dezembro 2021; CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002; FERNANDES, 2024; HENTZ; KUPERMANN, 2021, p. 3-20; COQUI; SANTOS, 2021).

Observa-se que muitos estudos, como os já mencionados anteriormente sobre o desenvolvimento religioso entre pais e filhos, concentraram-se majoritariamente na figura dos filhos, investigando suas crises, dúvidas e resistências quanto à vivência da fé. No entanto, essa abordagem desconsiderava um elemento essencial da equação: o papel dos pais no processo de formação espiritual. É crescente a compreensão, no campo da psicologia da religião e da educação cristã, de que os pais não são apenas transmissores passivos de valores, mas agentes formativos cujas atitudes, exemplos e coerência de vida influenciam diretamente a vivência religiosa dos filhos.

Não há como, e nem seria positivo, evitar a presença de conflitos entre os adolescentes e as figuras parentais, já que existe uma diferença de posições e de momentos de vida e, em consequência disso, os valores, as opiniões, os desejos e as ideias entram, constantemente, em confronto (HENTZ; KUPERMANN, 2021, p. 12).

Em muitos contextos, especialmente em famílias cristãs, observa-se uma contradição entre o discurso religioso e as práticas cotidianas dos adultos. A ausência de diálogo sobre fé, o desinteresse pelos espaços comunitários e a terceirização da formação espiritual para líderes religiosos ou instituições são fatores que fragilizam o desenvolvimento da identidade cristã dos jovens. Além disso, o autoritarismo, a rigidez moralista ou, por outro lado, a permissividade



excessiva dos pais podem gerar desmotivação, rejeição ou apatia em relação à fé cristã. Na prática, muitas vezes não ocorre o devido acolhimento pelos pais; pelo contrário, recorrentemente, os adultos reagem ao pedido de ajuda com indiferença, silêncio ou castigam os filhos com algum tipo de restrição. Para Rita Hentz e Daniel Kupermann (2021, p. 17),

Apesar da luta dos adolescentes pela autonomia, nunca é demais lembrar que os jovens ainda são dependentes e necessitam do auxílio dos adultos, sobretudo dos pais, no enfrentamento dos momentos de oscilação próprios desta fase da vida. Por mais fundamental que seja conceder espaço para que os adolescentes conquistem sua independência, é imprescindível que as figuras parentais também ofereçam segurança e cuidado, principalmente nos momentos de sofrimento – que pode se manifestar direta ou indiretamente.

É necessário, portanto, ampliar o foco dos estudos e práticas educativas para incluir os pais como sujeitos em formação contínua. A educação cristã não se limita à infância ou à adolescência, mas perpassa gerações e exige compromisso mútuo. Para que os filhos sejam efetivamente orientados no caminho da fé, é fundamental que os pais assumam, de forma consciente, sua responsabilidade espiritual, cultivando uma vivência coerente com os valores que desejam transmitir. Somente assim será possível favorecer um ambiente familiar que sustente o crescimento da fé de forma integral, afetiva e duradoura.

Interfaces da educação cristã com os processos psicossociais e pedagógicos na adolescência

A educação cristã, quando aplicada ao ambiente familiar, não se limita à transmissão de conteúdos religiosos ou à prática de rituais. Ela envolve a formação integral da criança, incluindo aspectos emocionais, cognitivos, sociais e espirituais (ABDALLA; VILLAS BÔAS, 2018, p. 14–41; CAVALCANTE; FRÓES, 2024, p. 1722–1737; GOMES; PORTELA, 2017). A psicopedagogia, enquanto campo de estudo voltado à compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano (PORTO, 2006), oferece subsídios valiosos para compreender como o relacionamento entre pais e filhos impacta diretamente a formação de crianças e adolescentes. O desenvolvimento socioemocional é uma das bases fundamentais da aprendizagem e da formação do caráter (PINHEIRO, 2023). Segundo Vygotsky (1991), o ambiente social em que a criança cresce influencia profundamente a forma como ela aprende, interpreta o mundo e se relaciona com os outros. Em um lar cristão saudável, onde há espaço para diálogo, afeto e orientação, a criança encontra segurança emocional para desenvolver-se de maneira plena.



A ausência ou fragilidade do vínculo emocional com os pais pode gerar insegurança, baixa autoestima, comportamentos agressivos ou retraídos. Conforme Piaget (1975), a construção do raciocínio moral está intimamente ligada às experiências afetivas vivenciadas na infância. Pais que educam com base no amor, no respeito e na coerência contribuem para a internalização de valores éticos e cristãos sólidos. Além disso, a fé vivida em família oferece um sentido de pertencimento e estabilidade, atuando como fator protetor contra traumas e pressões externas. Conforme destaca Ferreira (2017), o ambiente familiar cristão, quando acolhedor e participativo, contribui significativamente para o desenvolvimento da inteligência emocional e da resiliência nas crianças.

Os vínculos familiares desempenham um papel decisivo na maneira como a criança aprende. Estudos em neurociência têm demonstrado que o cérebro da criança responde melhor a estímulos cognitivos quando há um ambiente afetivo seguro e previsível (DAMÁSIO, 2000). O envolvimento dos pais nos processos escolares e no cotidiano das crianças, tanto em casa quanto na igreja, favorece o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e espirituais (FONTES, 2018). No contexto da educação cristã, esse envolvimento assume uma dimensão ainda mais rica, pois inclui não apenas o apoio às atividades escolares, mas também o cultivo da fé, da ética e do caráter. Crianças que são acompanhadas de perto pelos pais tendem a apresentar melhor desempenho acadêmico e menor propensão a comportamentos de risco (RINALDI JR, 2006).

Segundo Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins, a presença ativa e amorosa dos pais na vida dos filhos é o maior fator de prevenção às dificuldades de aprendizagem, pois garante à criança o suporte emocional necessário para enfrentar os desafios da vida escolar e pessoal (ARANHA; MARTINS, 2015). Pais que mantêm um relacionamento próximo com os filhos, escutam suas dúvidas, oram com eles e os instruem no caminho da verdade proporcionam uma base sólida para a formação integral. A educação cristã propõe, portanto, uma educação que une conhecimento, fé e sensibilidade. O lar torna-se um espaço onde a aprendizagem é um processo relacional, contínuo, afetivo e holístico (WISCHRAL RODRIGUES; CUSTÓDIO, 2025, p. 738–752). A criança aprende com os olhos, com os ouvidos, com o coração – e principalmente pelo exemplo.



Desafios contemporâneos no processo educativo de filhos adolescentes

A educação dos filhos adolescentes no século XXI enfrenta uma série de desafios e conflitos (autoestima baixa, insegurança, ansiedade, agressividade, bullying, depressão, vício em tecnologia, problemas no relacionamento e saúde sexual etc.) que exigem atenção, discernimento e ação intencional por parte dos pais. Até porque a personalidade, com opiniões, escolhas de roupas, músicas, planos de vida, entre outros, começa a ficar mais delineada (NASIO, 2010; KOCH, 2020, p. 343-355). Neste sentido, compreender que as alterações de comportamento e de emoções são resultado de uma nova formação ajuda os pais a encontrar caminhos de orientação e direcionamento. Por isso, nesse processo relacional, os pais precisam ter momentos de diálogo com os filhos, saber quando colocar limites e, ao mesmo tempo, dar-lhes autonomia para que possam moldar sua própria identidade, lidar com responsabilidades e desenvolver sua própria opinião.

A sociedade contemporânea, marcada por avanços tecnológicos, transformações culturais rápidas e uma crescente relativização de valores, impõe obstáculos significativos à transmissão da fé e dos princípios cristãos no ambiente familiar. A formação espiritual, emocional e moral das crianças e adolescentes precisa ser conduzida com sabedoria, à luz da Palavra de Deus e com atenção às realidades do tempo presente. A tecnologia, embora traga benefícios em termos de comunicação, acesso à informação e aprendizagem, também representa um dos maiores desafios para a educação cristã no lar. O uso indiscriminado de celulares, tablets, videogames e redes sociais por crianças e adolescentes tem contribuído para o isolamento emocional, a perda de vínculos familiares e a exposição precoce a conteúdos impróprios. Conforme Zygmunt Bauman, a “modernidade líquida” cria relações frágeis e efêmeras, afetando diretamente a construção da identidade e dos valores (BAUMAN, 2001).

As redes sociais, em especial, têm exercido forte influência sobre os comportamentos, hábitos e crenças dos jovens. Estudos mostram que o tempo excessivo diante das telas está associado ao aumento de sintomas de ansiedade, depressão e dificuldades de concentração (TWENGE, 2019). Do ponto de vista cristão, essa realidade exige dos pais uma postura ativa de supervisão, diálogo e orientação. Segundo Ribeiro, pais cristãos precisam estar atentos aos conteúdos consumidos pelos filhos e oferecer alternativas saudáveis que integrem tecnologia e



valores cristãos, promovendo o uso responsável e consciente dos meios digitais (RIBEIRO, 2020). O uso da tecnologia deve ser equilibrado com momentos de convivência familiar, leitura bíblica, oração e diálogo interpessoal.

Outro desafio significativo enfrentado pelas famílias contemporâneas é a ausência dos pais na vida dos filhos, muitas vezes causada pela sobrecarga de trabalho, pela busca incessante por estabilidade financeira, pela desvalorização da convivência familiar ou por relações conflituosas na convivência com os filhos (BARROS, 2006). Esse afastamento leva à chamada “terceirização da educação”, na qual a formação das crianças é delegada a instituições escolares, igrejas, cuidadores ou à mídia (HUBNER, 2020, p. 1-13). Embora essas instâncias possam colaborar no processo educativo, elas não substituem o papel insubstituível dos pais na formação do caráter e da espiritualidade dos filhos. Conforme aponta Bortolini, quando os pais não exercem sua função educativa, geram-se lacunas emocionais e espirituais que tendem a ser preenchidas por influências externas nem sempre compatíveis com a fé cristã (BORTOLINI, 2016).

A ausência física e emocional dos pais pode gerar sentimentos de rejeição, insegurança e afastamento da fé. Já a presença ativa, mesmo diante das limitações de tempo, fortalece os vínculos e comunica aos filhos que eles são prioridade na vida dos pais. A solução passa pelo resgate da intencionalidade na convivência familiar. Segundo Tripp, educar filhos à maneira de Deus exige presença, escuta e orientação. Não se trata de controle, mas de discipulado relacional (TRIPP, 2017). Pais cristãos precisam reencontrar tempo e disposição para ensinar, dialogar, brincar e, sobretudo, viver a fé junto aos filhos. Para Milton Sales e Sandra Gusso, a educação cristã na família contemporânea representa um desafio para muitos lares devido a fatores como falta de tempo, compromissos profissionais e a fragmentação da família. No entanto, os autores apontam alguns caminhos possíveis que vão desde as áreas de liderança, do culto doméstico e da preparação dos filhos para a defesa da fé, com o objetivo de fortalecer o processo educacional no ambiente familiar (SALLES; GUSSO, 2024).

Considerações Finais

Realizar esse estudo acerca do relacionamento dos pais com os filhos na formação psicossocial e espiritual foi gratificante, à medida que possibilitou compreender a importância que ele possui em ajudar os pais a entender as necessidades de um adolescente, bem como em



possibilitar que o adolescente compreenda os desafios que seus pais passam a conviver. Partindo desse pressuposto, conhecer a formação e as transformações biológicas que perpassam o ser humano, assim como o que isso acarreta no seu psicológico e nas suas emoções, é de suma importância, pois as descobertas agora vividas por ele vão afetar tanto seu corpo físico como o psicossocial e espiritual, e o indivíduo nesta faixa etária da vida irá ter dificuldades em construir um diálogo franco e eficaz entre as partes que se integram em uma família.

Em relação aos resultados, cabe aferir que o relacionamento dos pais com os filhos tem mudado de acordo com o progresso histórico-social e que, a cada década, se torna mais difícil essa comunicação, devido a vários fatores biológicos, linguísticos e no mecanismo sociointeracionista, centrado na falta de tempo para os filhos, priorizando o trabalho, de onde vêm as finanças. Na construção familiar, é necessário delimitar o papel de cada componente e as responsabilidades por ele adquiridas, partindo da formação cristã de cada um. É imperativo dizer que a opção em aceitar a Bíblia e o uso dela como referencial advém da intencionalidade do saber se o indivíduo desenvolverá habilidades para aceitar a interpretação e prática do que ela determina para a formação do cristão, e que ele será o formador de novos indivíduos que irão continuar construindo a história humana.

Assim, é preciso pais preparados e responsáveis para filhos conscientes; portanto, reconhece-se que a adolescência é a fase em que os pais vão provar o que ensinaram a seus filhos no decorrer dos anos, através da aprendizagem que eles demonstraram. Agora, serão postos à prova em todos os aspectos e precisam usar suas habilidades que aprenderam na fase de criança; por isso, a importância de, desde criança, serem orientados sob uma perspectiva cristã. Neste sentido, faz-se necessário valorizar o relacionamento familiar desde cedo, construído num diálogo sincero, onde os pais entendam a necessidade de seu filho, fornecendo momentos juntos e conversas descontraídas, brincadeiras e informações sobre todos os assuntos pertinentes da vida da família, da igreja e da sociedade em geral.

Para encerrar esta discussão, retomamos a problemática central do texto: *a educação cristã na relação entre pais e filhos adolescentes*. As reflexões desenvolvidas ao longo do artigo permitiram concluir que, embora esta investigação não tenha a pretensão — nem a abrangência — de esgotar a complexidade inerente ao tema, o percurso analítico realizado evidenciou a relevância e os desafios implicados nessa relação. Observou-se que, no contexto contemporâneo, marcado por



transformações socioculturais aceleradas, a convivência entre gerações torna-se particularmente tensionada quando se trata da vivência e da prática da fé cristã. A relação entre pais e adolescentes, nesse sentido, revela-se atravessada por conflitos de valores, linguagens e expectativas, o que impacta diretamente o processo educativo-religioso. Tal constatação reforça a ideia de que a educação cristã não pode ser pensada de forma linear ou estática, mas deve ser compreendida como um fenômeno dinâmico, situado historicamente e em constante reconstrução.

A pesquisa aqui apresentada reafirma alguns referenciais já consolidados na literatura, sobretudo no que se refere à importância da participação ativa dos pais na formação espiritual dos filhos. Contudo, também aponta para a necessidade de novas abordagens interpretativas que considerem a complexidade do cenário atual, bem como os múltiplos fatores que interferem na construção da fé durante a adolescência. Trata-se, portanto, de um campo de estudo que demanda permanente atualização e aprofundamento teórico, especialmente em diálogo com as ciências da religião, a psicologia do desenvolvimento e a pedagogia cristã.

Referências

ABDALLA, M. de F. B.; VILLAS BÔAS, L. Um olhar psicossocial para a educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 14–41, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4277>. Acesso em: 6 jun. 2024.

ABERASTURY, A. et al. *Adolescente*. Trad. Ruth Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2009.

ANTHONY, M. J. *A teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2015.

AZEREDO, C. T. de. O conceito de família: origem e evolução. *Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM*. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/index.php/artigos/1610/O+conceito+de+fam%C3%ADlia:+origem+e+evolu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BARROS, E. S. *Como as relações de conflitos entre os pais atingem os filhos: um estudo no escritório modelo de advocacia da PUC-Rio*. 2006. 60 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.



BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC NEWS BRASIL. Por que cada vez mais filhos cortam laços com pais por saúde mental. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-59656561>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BECKER, A. P. S.; MAESTRI, T. P.; BOBATO, S. T. Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 84-98, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jun. 2024.

BÍBLIA SAGRADA. *Nova Versão Internacional (NVI)*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2002.

BIASOLI-ALVES, Z. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In: BIASOLI-ALVES, Z. M.; FISCHMAN, R. (Orgs.). *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 79-93.

BORTOLINI, I. *Pais presentes, filhos fortes*. São Paulo: Canção Nova, 2016.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 6. ed. Brasília: Senado Federal, 1990.

CAVALCANTE, Z. V.; FRÓES, Â. R. Educação baseada nos princípios cristãos e sua implementação. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 10, n. 9, p. 1722–1737, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i9.15438. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/15438>. Acesso em: 12 jan. 2025.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2014.

CHAPMAN, G. *As cinco linguagens do amor das crianças*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CIA, F. et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100009>.

CONTINI, M. de L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. dos S. (Orgs.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

COQUI, A. D.; SANTOS, D. M. A. de A. P. dos. Religiosa/cristã na formação da criança e do adolescente e a omissão familiar na função educativa. *Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura*, v. 10, n. 2, dez. 2021.

CORDIOLI, A. V. *Psicoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOBSON, J. *Pais e filhos: ensinando valores eternos*. São Paulo: CPAD, 2006.



DOMINGUES, G. S. *Educação religiosa*. Curitiba: FABAPAR, 2020.

ESCOLA DE CIDADANIA PARA ADOLESCENTES (ECA). Adolescência. Disponível em: <https://escoladecidadania.org.br/conceitos/adolescencia/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

FERNANDES, S. F. *Estudo da efetividade do modelo de avaliação terapêutica com adolescentes no Brasil*. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas, 2024.

FERREIRA, R. A. *Família e desenvolvimento emocional*. São Paulo: Paulinas, 2017.

FONTES, F. *Educação em casa, na igreja, na escola: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Adolescência: uma fase de oportunidades*. Nova Iorque, 2011. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

GOMES, D. C.; PORTELA, F. S. (Orgs.). *Educação escolar cristã: história, conceitos e práticas pedagógicas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

HENTZ, R.; KUPERMANN, D. O lugar atribuído aos pais no sofrimento do adolescente. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 3-20, dez. 2021. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2021v2p.3>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2025.

HUBNER, J. *Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã contínua*. 201 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

INSTITUTO PAI – ESCOLA DE CIDADANIA. Conceitos: adolescência. *Escola de Cidadania*. Disponível em: <https://escoladecidadania.org.br/conceitos/adolescencia/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

KOCH, C. et al. Coparentalidade e conflito pais-filhos em adolescentes envolvidos em práticas restaurativas. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 25, n. 2, p. 343-355, abr./jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250212>.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2017.

LUCIFORA, C. de A.; MUZZETI, L. R.; REINA, F. T. Historicizando o conceito de família. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 14, n. 33, e16795, 2021. DOI: 10.20952/revtee.v14i33.16795. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16795>. Acesso em: 7 jan. 2025.

MACEDO, R. M. S. *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008.

MALHERBE, J. *Educar com amor e fé*. Belo Horizonte: Loyola, 2005.



MENEZES, J. B.; PONTES, L. P. dos S. A liberdade religiosa da criança e do adolescente e a tensão com a função educativa do poder familiar. *Revista Brasileira de Direito*, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 113-123, ago. 2015. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/861/965>. Acesso em: 6 jun. 2024.

MOHER, D. et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, v. 6, n. 7, e1000097, 2009.

MONTANHA, J. *A responsabilidade dos pais na formação espiritual dos filhos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, IEPG, São Leopoldo, 2006.

NASIO, J. D. *Como agir com um adolescente difícil? Um livro para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Adolescência. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 12 jan. 2025.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1975.

PINHEIRO, D. V. de L. et al. (Orgs.). *Educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional* [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora UFPB, 2023.

PORTO, O. *Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico*. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

PRATTA, E. M. M. Relações familiares e saúde mental na adolescência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007.

PRIOLO, L. *O caminho para o filho andar: como usar as Escrituras no treinamento dos filhos*. São Paulo: Nutra, 2008.

RIBEIRO, L. C. *Família e mídia: desafios da educação cristã digital*. Curitiba: CRV, 2020.

RINALDI JR., R. *Educação na perspectiva cristã: uma reflexão sobre essa abordagem e seu impacto na família, igreja, escola e nação*. 2. ed. Belo Horizonte: Copyright, 2006.

RODRIGUES, C. L. *Preferência parental: implicações sobre a vida emocional e espiritual dos filhos*. Vila Velha: Above Publicações, 2014.

ROMANELLI, G. Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa NEP*, n. 1-2, p. 25-34, 1997.

SALES, M. R. M.; GUSSO, S. F. K. Educação cristã no contexto familiar e os desafios da família cristã na modernidade. *Via Teológica*, [S. l.], v. 24, n. 48, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/363>. Acesso em: 5 jun. 2025.



SILVA, C. A. da et al. O conceito de família sob as novas perspectivas sociais. *Revista Científica UNAR*, Araras, v. 19, n. 2, p. 126-141, 2019. DOI: 10.18762/1982-4920.20190019. Disponível em: https://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol19_n2_2019/8_o_conceito_de_familia_sob_as_novas_perspectivas_sociais.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

SOMBRIO CARDOSO, A. et al. Representações sociais da família na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 29-44, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 jan. 2025.

TEIXEIRA, P. E. de L. Pensar a formação integral de adolescentes e jovens: a cibercultura em interface com a fenomenologia-teológica de Edith Stein como caminho pedagógico. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2020.

TRIPP, T. *Pastoreando o coração da criança*. São Paulo: Fiel, 2017.

TULER, M. A. *Ensino participativo na Escola Dominical: uma nova perspectiva para a docência cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

TWENGE, J. *iGen: por que os filhos da geração digital estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes e menos felizes*. São Paulo: HarperCollins, 2019.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAGNER, A.; RIBEIRO, L.; ARTECHE, A.; BORNHOLDI, E. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 1, p. 147-156, 1999.

WISCHRAL RODRIGUES, M.; CUSTÓDIO, E. S. Prática educativa cristã holística: aprendizagem integral ao longo da vida. *Revista Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 738–752, 2025. DOI: 10.18224/cam.v22i3.14767. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14767>. Acesso em: 12 fev. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent health. *World Health Organization*, [s.d.]. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1. Acesso em: 21 ago. 2025.